

## **Jo 12, 20-28 // Jo 18-19. A ‘Glorificação do Filho do Homem’ como estratégia literária e hermenêutica para a leitura jonanina dos relatos da Paixão**

*Jn 12, 20-28 // Jn 18-19. The ‘Glorification of the Son of Man’ as  
a Literary and Hermeneutic Strategy for the Johannine Reading of  
Passion Narrations*

PEDRO PAULO ALVES DOS SANTOS\*

**Resumo:** A unidade de Jo 12, 23-28 contém a cristologia da Tradição Joanina e parece constituir a chave hermenêutica para uma ‘correta’ leitura joanina da narração Paixão e Morte em Jo 18-19, como uma forma de ‘conhecimento’ antecipado ou de antevisão dos fatos narrados com sua morte violenta. Assim, entendemos a “hora” de Jesus, anunciada no fim do cap. 12, como uma espécie de ‘fronteira’ entre as duas grandes partes dentro do Evangelho. Não radicalmente opostas, mas dialeticamente relacionadas e, sobretudo, ‘qualitativamente’ diversas. Em outras palavras, existiria um tipo de divisão interna no percurso Cristológico de S. João, que considera o retorno de Jesus (do Filho) ao Pai, pela Cruz, o centro e o sentido ‘Novo’ de toda a sua existência, sem, porém, eliminar o valor factual e histórico de sua pregação e sinais e, acima de tudo, sem fraccionar a profunda unidade do Mistério de Jesus de Nazaré, o Filho Unigênito, vindo do Pai, para a Salvação do Mundo, que tornando ao Pai planifica toda a Sua Existência.

**Palavras-chave:** Evangelho de S. João. Glorificação do Filho do Homem. Cristologia joanina. Hermenêutica Bíblica

**Abstract:** The unity of Jn 12, 23-28 contains the Christology of the Johannine Tradition and seems to constitute the hermeneutic key for a

---

\* Pedro Paulo Alves dos Santos é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG-Roma), doutor em Estudos Literários pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor no Centro Universitário UNICARIOCA.  
Contato: pedrosantos@gmail.com

'correct' Johannine reading of the Passion and Death narration in Jn 18-19, as a form of anticipated 'reading' or anticipation of the facts narrated with his violent death. That is, we understand the "hour" of Jesus, announced at the end of chapter 12, as a kind of "border" between the two great parts within the Gospel. Not radically opposed, but dialectically related, and especially "qualitatively" diverse. In other words, there would be a kind of internal division in St. John's Christological path, which considers the return of Jesus (the Son) to the Father, through the Cross, the center and the "New" meaning of his entire existence, without, however, eliminate the factual and historical value of his preaching and signs and, above all, without breaking up the profound unity of the Mystery of Jesus of Nazareth, the Only Begotten Son, coming from the Father, for the Salvation of the World, who, returning to the Father, plans out all his own Existence.

**Keywords:** Gospel of St. John. Glorification of the Son of Man. Johannine Christology. Biblical Hermeneutics.

## Introdução

Dentro da perspectiva geral do Quarto Evangelho, a temática da Glória/Glorificação ocupa um lugar de destaque no seu conjunto organizativo, literariamente falando. Glória que, no Quarto Evangelho, reflete uma dimensão Cristológica, ou seja, estamos no centro de uma teologia, propriamente neo-Testamentária. Mas, ao mesmo tempo, sempre referida, semanticamente, ao tesouro da herança hebraica, que, através do vocabulário e do uso de suas possíveis significações, situa nosso Evangelho dentro de uma autêntica elaboração judeu-cristã. Sem pretender negar, de maneira alguma, as influências helenísticas, sua língua original (o grego), ou ao menos a de sua transmissão "tradicional"<sup>1</sup>.

Os vocábulos Glória/Glorificação nos farão penetrar no coração da Teologia do Quarto Evangelho. Isto é, no centro do Evangelho como uma "narração" sobre a Significação **TEO**-lógica da Existência de Jesus de Nazaré. O autor deste Evangelho "cria" e organiza elementos linguísticos para fazer a *Mensagem Central* da Vida de Jesus expressiva (significativa = epifânica); em particular, sobre a sua *Paixão e Morte*. Em outras palavras, estamos no Centro do **KÉRYGMA**, de maneira

1 MANNNS, F. *L'Évangile selon S. Jean à la Luce de la Judéisme*. Jerusalem, 1991.

que a pesquisa sobre as significações “Joaninas” da Glória terão um endereço e um resultado sobre a, já longa, pesquisa a cerca da Cristologia do IVº Evangelho<sup>2</sup>. Para o TM, falta um correspondente seguro para o (“dokeo”) da LXX.

## 1 Glória/Glorificação

A linguagem do Antigo Testamento consegue, com dificuldade, explicar a simples aparência ou opinião subjetiva. ‘Dokeo’ não corresponde a nenhum verbo do texto Massoreta. Mesmo fora deste âmbito, é o texto dos Setenta que sublinha o caráter subjetivo de uma declaração, introduzindo “dokew”. Nestes casos singulares, não será fácil distinguir na Septuaginta a opinião subjetiva e aparência. Caso se pudesse falar de trajeto histórico de um vocábulo, a palavra “DOXA” ilustra bem um trajeto. Pela história da literatura clássica, já conhecemos sua existência desde Homero e Heródoto.

Neste contexto antigo, encontra-se com um valor extra bíblico de base, na sua forma verbal (“dokeo”), como aquilo que diz respeito à opinião subjetiva: a) a minha opinião; b) a opinião que se tem a meu respeito.

No mundo filosófico grego, “doxa” significa opinião, e doutrina pessoal. Na literatura, em geral, fama, esplendor (em relação ao mundo/cosmos), como o valor supremo da vida: “eles acreditam que ‘Doxa’ cobriria o nome de *mulher* ou de *navios*, mesmo com um antigo e concreto uso popular: luz, esplendor, que tangeria de novo no LXX e no NT”. Flávio José e Filão integram-se de maneira perfeita no sentido deste uso linguística: opinião e fama, mas também aquele de esplendor.

O seu uso no NT já aparece absolutamente transformado. Isto é, o primeiro valor, aquele de opinião, desaparece. Figura, porém, a segunda concepção grega: honra, Glória, fama. Devemos acrescentar o sentido de ‘Doxa’, como reflexo, no sentido de Imagem como se lê

2 DAHL, A. N. *Jesus in the memory of Early Church*. Cambridge, 1976; FULLER, R. M. *The Foundations of New Testament Christology*. London, 1965; JUEL, D. *Messianic Exegesis*. Philadelphia, 1988; MOLONEY, 1978; PAINTER, J. *The Enigmatic Johannine Son of Man*. In: \_\_\_\_\_. **Festschrift für Franz Neirynck**. Leuven, 1992, p. 1869-1887; POLLARD, T. E. *Johannine Christology and Early Church*. Cambridge, 1970, especialmente, p. 3-23; DE SONGE, M. *Christology and Theology in the Fourth Gospel*. In: \_\_\_\_\_. **The Festschrift für F. Neirunck**. Leuven, 1992, p. 1835-1853; VELLEANICKAL, M. *Le caractère unique et singulier de Jésus comme Fils de Dieu*. Bible et Christologie, Paris, 1984, p. 173-196.

em 1cor 11,7: “O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem”. Porém, o uso geral do NT não se aproxima daquele do grego clássico, do qual Filão se aproxima uma só vez, isto é, de Esplendor Divino e Celeste, que representa a sublimidade, a maestria, ou melhor, a essência mesma de Deus e do seu mundo. De onde proveria este sentido totalmente novo para o mundo grego?

## 2 Glória no Antigo Testamento

Na língua profana, “KABÔD” (WEINFELD, 1995, p. 22-38) significa honra, isto é, tudo aquilo que confere importância e prestígio no homem. Por isso, Kabôd pode designar riqueza ou ainda uma posição importante, e primariamente, importância, no sentido figurado, para indicar tudo o que constitui ascendência de um homem. Neste sentido, Kabôd se aproxima notavelmente de termos antropológicos. Como no Sl. 17,4, pode indicar também, o “Nefesh”, no sentido de “anterioridade”, isto é, um sentido concreto.

Dentro do campo semântico do termo hebraico, encontramos uma analogia entre homem e Deus, pois, referindo-se ao primeiro, designa tudo aquilo que lhe dá prestígio, seja quanto possui, seja sua importância pessoal, que exige reconhecimento, para Deus, definindo tudo aquilo que é epifânico da sua divina potência (aquilo que se transformará em *terminus technicus* da Teologia do AT: *Kabôd YHWH*). Weinfeld mostra como, ao longo da teologia do AT, o termo *Kabôd* sofre uma espécie de evolução, não tanto cronológica, mas, teológica. O primeiro seria aquele de manifestação de grandeza natural (cfr. Es 33,18ss; 24,15ss; Sl.97, 1-3). Estamos diante das primeiras elaborações teofânicas, que se servem da potência da natureza.

Num segundo estágio, a glória de Deus começa a distinguir-se dos fenômenos naturais, ou melhor, os escritos sacros começam a elaborar uma linguagem da potência divina, que não dependia mais de expressões cosmológicas. Como, por exemplo, o Sl. 19, mas, em particular, a teofania a Elia no Carmelo (1Rs 19, 11-12). Contém uma precisão casuística que destaca claramente o ‘Kabôd Divino’ (Kabôd’El); do âmbito dos fenômenos naturais (v.2), o *Kabôd* é um elemento pertencente às supremas regiões celestes, contrapostas claramente ao firmamento (*reqiah*), entendido como o

reino das criaturas. As diversas tradições teológicas de Israel trataram diversamente o conceito/experiência do ‘Kabôd’El’, enriquecendo o conceito ao longo do percurso teológico de Israel.

Deve se notar que a redação sacerdotal (P) não segue a tradição que representa Jahweh, como estabelecido no Santuário (I Res 8,12; 2Rs 19, 14s), nem compartilha da concepção Deuteronomista (Dt), de acordo com o qual Jahweh reinava no céu e o povo eleito só tinha dado seu nome ao lugar de culto. Por ‘P’, a Tenda do encontro, a mesa que fecha a arca e assim Deus escolheu um lugar no qual quer manter contato com o seu povo, sem incinerar o homem com sua santidade (o elemento da nuvem, mantém o aspecto transcendente).

Talvez o aspecto ‘sintético’, comum a toda esta evolução seja, a preocupação de distinguir, sem isolar absolutamente (sobretudo, com a aquisição do conceito de Criação), Deus, do mundo material, a manifestação da grandeza divina e a natureza, com suas ‘grandiosas manifestações’. Com o uso de ‘analogias’, ou de uma linguagem analógica, a discussão e maturação teológica ao interno do Antigo Testamento tenta manter um contacto ‘tenso’ entre Deus e a representação da Sua Glória, que a tudo isso transcende (Trono, Templo, Nome).

Outro estágio importante, porque muito particular à história de Israel, é aquele em que o ‘Kabôd’ de Deus se torna objeto da esperança religiosa e parte fixa da espera escatológica. Em tal caso, nos encontramos diante de um uso linguístico que coincide com aquele de Ezequiel e com o Sacerdotal, rigorosamente falando. Aqui, não se trataria tanto da manifestação da essência divina, mas da Sua absoluta soberania sobre o mundo criado. Deus é soberano sobre toda a Terra. Parece, inclusive que o papel do Dêutero-Isaias seria aquele de preparar a ‘irrupção’ do *kabôd Jahweh*.

### 3 Glória no Novo Testamento

É evidente aos estudiosos do NT que o uso linguístico de doxa não corresponde àquele grego, mas ao da LXX. Além das significações já citadas anteriormente, o termo tem seu aspecto específico, no uso referido à particularidade da natureza divina. Todos os autores do NT passaram por esta regra semântica em relação à doxa: o termo não

está presente nas três cartas de João, em que, no entanto, o uso da linguagem não deve ser diferente do evangelho.

Próprio como na LXX, no NT, o uso da palavra 'Doxa' passa por tantas concepções (honra divina, magnificência divina, potência e esplendor divino visível), muito nuançados, matizados, dificilmente delimitados. Porém, sempre referidos à natureza divina, na sua particularidade. O termo designa simples ação de reconhecimento expressa através das obras (cf. At 12,23; Ap 16,9) ou nas "doxologias", são constatações daquilo que é (não *einai*, mas *estin* – Lc 2,14; 19,38; Rom 11,36; 16,27). A novidade do Novo Testamento consiste na aplicação deste conceito à pessoa e à obra de Jesus:

O mundo grego do Novo Testamento dá um passo em frente, referindo o termo também a Cristo, além de Deus. Esta relação é expressa vagamente e reflete o uso da palavra, na inteira dinâmica da relação entre Cristo e Deus. Os textos bíblicos fundadores da fé do Novo Testamento, isto é, anunciadores do da doxa (Cfr. Rom 6,4; 1 Tm 3,16; At 7,SS; 1 Pd 1,11.21), se referem à transfiguração do Cristo glorioso depois da Páscoa. A aplicação deste vocábulo a Jesus terreno sofre muitas limitações.

Mateus e Marcos aplicam esta expressão à realidade histórica de Jesus, somente em previsão da Parusia (Mc 8,38; 10,37/Mt 19,28; 25,31).

Em Lucas, este termo é utilizado somente nas passagens referentes ao seu nascimento e à transfiguração: "A manifestação de DOXA no nascimento de Cristo em Lc 2.9, está ali para expressar a sua origem a partir da esfera do Divino".

Outro aspecto fundamental para os autores do Novo Testamento é a relação entre a "Glória de Jesus" e a experiência de Fé como única mediação possível para "ver" esta realidade nova de Jesus, revelada na Sua Ressurreição, já presente desde o seu nascimento. Porém, contrariamente ao pensamento do Antigo Testamento, no qual o acento principal, em relação à glória divina, era a promessa de poder vê-la: um antigo *midrash* a respeito disto afirmava: no eon futuro, quando eu trazer para Sião minha Shekinah, ali se revelará meu *kabôd* a todo o Israel, e eles vão viver para sempre.

Para o Novo Testamento, tudo isso perde um pouco de importância, levando em conta que o fundamental será a *participação* à sua glória de Filho único. Aqui, encontramos uma síntese típica do mundo bíblico,

isto é, que todas as afirmações reveladas estão dispostas a um fim soteriológico, e não como uma gnose teológica.

Não basta anunciar que Jesus de Nazaré, ressuscitado, está à direita do Pai, mas que a Sua ressurreição, participação filial à esta glória (de Deus-Pai), de certa maneira, pertence ‘já-ainda não’. Aqui, supõe-se a compreensão progressiva do Espírito e do Reino de Deus aos discípulos, e, deste ponto de vista, poder-se-ia pensar que, se N.T. fala de participação escatológica na ‘doxa’, isto recai sob o princípio geral da história da salvação, para o qual existe um nexo de causalidade e um paralelo entre Cristo e a ressurreição novo eon dos fiéis e, assim, ter parte em Cristo.

#### 4 Glória no Quarto Evangelho

O uso de doxa, em particular no IV<sup>a</sup> Evangelho, tem sua nuance toda especial, que nos obriga a tratá-lo diversamente do conjunto do Novo Testamento.

Antes de mais nada, o termo aparece, complexivamente, em toda a extensão do IV<sup>a</sup> Evangelho. Se podemos, assim, tão simplesmente pensar este texto, em duas grandes parte, até o cap. 12 e, após, o termo segue, tanto, como forma verbal (ativa e passiva) quanto como substantivo quase proporcionalmente nas duas partes. Segundo Bratcher (1991), no conjunto do Evangelho encontramos pelo menos quatro grupos de significação do nosso vocábulo:

- O substantivo e o verbo são usados em uma variedade de maneiras, que podem ser definidas da seguinte forma: A) Honra, fama, reputação, honrar, louvar; há oito passagens nas quais as palavras têm esse sentido (5, 41.44; 7, 18a.b; 8, 50. 54; 12, 43; 21,19)
- O doxa de Deus. A) na história da morte de Lázaro (Jo 11,14); B) Deus é /será “glorificado” (12,28a.b; 13,31,32; 14,13; 17,1,4)
- O doxa de Jesus, A) Deus deu doxa a Jesus (17,22,24); B) A doxa de Jesus (1,4; 2,11; 12,41; 17,5) C) Jesus é/será glorificado (11,14-vide nº 1; 12,23; 13,31a; B.2c; 13,32; 16,14; 17, 1a.5a.10)
- Jesus dá sua Glória a seus discípulos (17,22)

Ao tratar do vocábulo doxa, no Novo testamento, Kittel (1991) reconhecia a importância deste termo como um verdadeiro conceito, peculiarmente utilizado por S. João. Segundo ele, como conceito atribuído a Deus, demonstra, de um lado, a visibilidade divina; do

outro, Sua onipotência: os significados (de doxa) são justapostos entre si com uma dureza especial: de um lado, a doxa visível, no sentido de Kabod (cf. Jo 12,16.23.28.42, com Referência a 6,1 – LXX); do outro, à distância apenas de dois versos, deve ser entendido no sentido de honra, fama humana, que pode proceder tanto dos homens, como da parte Deus (cf. 12,43; 5,41; 7,18; 8,50.54).

E como conceito aplicado a Jesus, ainda neste aspecto, João se diferencia dos sinóticos, por exemplo, na medida em que ele; aplica à vida terrestre esse vocábulo. Isto corresponderia à tendência de João, de descrever a vida de Jesus. À luz da glória final, porém, a visão da doxa durante a existência terrena de Jesus é acessível somente através da fé (cf. 2,11; 11,40).

Para Bratcher (1991), o versículo 14, do prólogo, ilustra bem este sentido. Não é uma observação geral em terceira pessoa, mas a afirmação particular do discípulo, feita em primeira pessoa. Mesmo para João, como para Sinóticos, a doxa de Jesus não é visível em si. O mistério de Sua pessoa deve ser para todos os evangelistas revelado e acreditado pois, só assim, se entende a verso de 7,39.

R. Schnackenburg (1980) vê o tema da glória como um fator muito especial de harmonização das duas unidades histórico-literárias do IV<sup>a</sup> Evangelho. Para ele, se de um lado, o tema da glorificação não é um simples unificador, reduzindo tudo a um tipo de Evangelho da glória. Ao mesmo tempo, ele recolhe como pensamento cristológico, uma perspectiva histórico-salvífica e escatológica. Ainda segundo Schnackenburg, as duas partes manteriam entre si uma relação de sadia tensão. Em outras palavras, o panorama da ação-discursos e, sobretudo, o uso do ego eimi, por parte de Jesus histórico, deixam ver, aquilo que de fato, somente com a vinda da hora, numa perspectiva do Jesus *'praesens'*, a escatologia realizada, poderá ser proclamada com segurança e convicção, mesmo porque a glória virá compreendida plenamente através da ação esclarecedora do Espírito Santo, o outro Paráclito (Jo 14-16).

### 5 Jo 12, 20-28. A hora do Filho do Homem

As perícopes 12, 20-28 se inserem na grande unidade 12, 20-36, que aponta para os atos futuros da Sua paixão e morte sob o signo da

glorificação/elevação<sup>3</sup>. Chama a atenção a proximidade com as fontes sinóticas referentes ao anúncio da Sua paixão e morte e o papel dos discípulos e da multidão (DENAUX, 1992). Nosso interesse concentra-se sobre os ditos joaninos que estabelecem um nexos paradoxal entre a morte de Jesus e Sua glorificação (v.23: Ἐλήλυθεν ἡ ὥρα ἵνα δοξασθῆ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου).

Em particular, a metáfora joanina do grão de trigo (v. 24: ὁ κόκκος τοῦ σίτου) que, mesmo refletindo aspectos do acervo parabólico dos Sinóticos, possui uma dinâmica própria da ‘tradição joanina’<sup>4</sup>. E ainda tão próximo dos ditos sinóticos de Jesus aos discípulos, o tema do amor e ódio à própria vida (v. 25: ὁ φιλῶν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἀπολλύει αὐτήν, καὶ ὁ μισῶν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἐν τῷ κόσμῳ τούτῳ εἰς ζωὴν αἰώνιον φυλάξει αὐτήν.) como *condictio sine qua non* para participar da missão e da própria glória de Cristo.

Destaca-se, neste contexto, o insólito pedido dirigido ao Pai para que o glorifique (πάτερ, δόξασόν σου τὸ ὄνομα. ἦλθεν οὖν φωνὴ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ Καὶ ἐδόξασα καὶ πάλιν δοξάσω.), aqui o discurso de Jesus se conecta com o cap. 17, 2.4-5 (v. 2: Πάτερ, ἐλήλυθεν ἡ ὥρα δόξασόν σου τὸν υἱόν, ἵνα ὁ υἱὸς δοξάσῃ σέ,).

Esta unidade contém a cristologia da tradição joanina e parece constituir a chave hermenêutica para uma correta leitura joanina da narração paixão e morte em Jo 18-19, como uma forma de leitura antecipada ou de antevisão dos fatos narrados com sua morte violenta.

A unidade de Jo 12, 23-28 funcionaria como uma resposta à questão sobre a paixão do verbo, do revelador escatológico<sup>5</sup>. Uma forma de mediação entre a primeira parte do Evangelho (1,19-12, 50), o Livro dos Sinais e a segunda parte (13-21), dito então, o Livro da Glória. Um escrito voltado para o horror nos olhos dos discípulos que, na narração do Quarto Evangelho, não terá uma visão antecipada da glória de Jesus, em Sua transfiguração.

Para o evangelista, todo o Evangelho é a *Gloriae visio* exposta pela vida de Jesus (Ἐγὼ εἶμι,), como se lê na forma plural em Jo 1, 14b: καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ

3 LÉON-DUFOUR, X. *Père, fais-moi passer sain et sauf à travers cette heure* (Jean 12,27). ALTENSWEILER, H. e BO REICKE, *Neue Testament und Geschichte*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1972, p. 157-166.

4 DAVIES, M. *Jesus the Messiah and Savior of the World*. In: \_\_\_\_\_. *Rethoric and references in the Fourth Gospel*. Sheffield: JSOT, 1992, p. 209-241.

5 CASALEGNO, A. *Tempo e Momento Escatológico nel Vangelo di Giovanni*. In: \_\_\_\_\_. *Tempo e Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Miano: San Paolo, 2002, p. 165-194.

πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας. Uma declaração da Igreja de João que vê (passivo Divino) na integral existência de Cristo, a glória (definitiva) de Deus. Em outras palavras, a Igreja recebe na fé o testemunho de Cristo em relação à glória de Deus, manifestada em sua existência de verbo encarnado (O Mistério da Trindade no Evangelho de João: Cf. SANTOS, 2000)

## 6 Estrutura literária de Jo 12, 20-28

Segundo Mateos e Barreto (1990) a grande unidade (12, 1-36) começa com o encontro da multidão de Jerusalém com Jesus, que, por sua vez, não entra na cidade (v.9: Ἔγνων οὖν ὄχλος πολὺς ἐκ τῶν Ἰουδαίων ὅτι ἐκεῖ ἐστίν). Segundo os exegetas espanhóis, a unidade se subdivide em três subunidades:

- 12, 12-19: descreve a aclamação messiânica nacionalista e a reação de Jesus, terminando com o comentário desesperado do grupo dos fariseus, em paralelo à reação dos dirigentes da Sinagoga depois da cena de Betânia (vv.9-11)
- 12, 20-26: dirige-se em primeiro lugar aos discípulos e introduz o tema da missão universal e as condições para sua realização
- 12, 27-36: Jesus volta a se dirigir à multidão e expõe o tema do Messias crucificado. Isto provoca surpresa e desconforto entre as pessoas, pois se opõe ao conceito tradicional de Messias, contra o qual Jesus pronuncia-se de modo cabal. Tudo conclui-se com o afastamento de Jesus, que não tornará a reencontrar-se com a multidão<sup>6</sup>

Brown (1966) pontua a necessidade de integrar os capítulos 11-12 para perceber que 12, 20 (Ἦσαν δὲ Ἑλληγνές τινες ἰ ἐκ τῶν ἀναβαινόντων ἵνα προσκυνήσωσιν ἐν τῇ ἑορτῇ), a chegada dos gregos, é o auge de uma sequência de ações centradas na Páscoa (11, 55: Ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα τῶν Ἰουδαίων, καὶ ἀνέβησαν πολλοὶ εἰς Ἱεροσόλυμα ἐκ τῆς χώρας πρὸ τοῦ πάσχα ἵνα ἀγνίσωσιν ἑαυτοῦς.)<sup>7</sup>, pois Jo 11,4 inicia com o anúncio do sinal de Lázaro que se fixava sobre a glória de

6 Uma análise interessante sobre a conclusão da grande Unidade do Capítulo 12 de SCHNACKENBURG, *Joh 12, 39-41. Zur christologischen Schriftauslegung des vierten Evangelisten*. ALTENSWEILER, H. e BO REICKE, *Neue Testament und Geschichte*, p. 167-178.

7 'Estava próxima a Páscoa dos judeus, e muita gente de todo o país subia a Jerusalém antes da Páscoa para se purificar'.

Deus (Αὕτη ἡ ἀσθένεια οὐκ ἔστιν πρὸς θάνατον ἀλλ' ὑπὲρ τῆς δόξης τοῦ θεοῦ ἵνα δοξασθῇ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ δι' αὐτῆς)<sup>8</sup>.

O sinal de Lázaro, segundo Brown, inaugura uma cadeia de ações pontuando na direção da morte de Cristo, agora era hora escatológica de Jesus, chegara a hora de Jesus ser elevado e crucificado (11, 32s)<sup>9</sup>. O sinal de Lázaro aponta para Jesus como ressurreição e vida (11, 25: εἶπεν αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς Ἐγὼ εἰμι ἡ ἀνάστασις καὶ ἡ ζωὴ ὁ πιστευῶν εἰς ἐμὲ κὰν ἀποθάνῃ ζήσεται.).

Em Jo 12, 24. 32, começa a realização das palavras dirigidas à Marta; Jesus será elevado e atrairá todos os homens a Si (12, 32: κἀγὼ ἐὰν ὑψωθῶ ἐκ τῆς γῆς, πάντας ἐλκύσω πρὸς ἐμαυτόν). Vê-se nos cap. 11-12 uma série de referências universais relevando a intenção de Deus de salvar os gentios, agora estes vêm a Jesus (12, 20s).

## 6.1 v. 23 (27-28): A Hora da glorificação

Ἐλήλυθεν ἡ ὥρα ἵνα δοξασθῇ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου (Jo 12, 23)

Antes desta unidade, encontra-se, em S. João, a negação do início da hora, como escuta Sua mãe na ocasião das bodas de Caná (Jo 2, 4: καὶ λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς Τί ἐμοὶ καὶ σοί, γύναι; οὐπω ἦκει ἡ ὥρα μου.)<sup>10</sup> A hora (ἡ ὥρα) é o tempo escatológico da consumação da plena obra redenção<sup>11</sup>, a linguagem da tradição joanina<sup>12</sup> é original ao aproximar a paixão e morte à glorificação, o que se esperaria somente

8 “A essas palavras, disse-lhes Jesus: “Esta enfermidade não causará a morte, mas tem por finalidade a glória de Deus. Por ela será glorificado o Filho de Deus”

9 SCHNACKENBRUG, *Exaltación y glorificación de Jesús*. v. 2, p. 490-522.

10 O mesmo em 7, 30; 8, 20: ‘ταῦτα τὰ ῥήματα ἐλάλησεν ἐν τῷ γαζοφυλακίῳ διδάσκων ἐν τῷ ἱερῷ· καὶ οὐδεὶς ἐπίσεν αὐτόν, ὅτι οὐπω ἐληλύθει ἡ ὥρα αὐτοῦ’. HENGEL, M. *The Interpretation of the Wine Miracle at Cana: John 2, 1-11*. In: HURST, L. D. e WRIGHT, N. T. *The Glory of Christ in the New Testament*. Oxford: Clarendon, 1987, p. 83-112.

11 Um tema central na formação do Novo Testamento tematizado pela Literatura Paulina: MOULE, C. F. D. “Fulness” and “Fill” in the New Testament. *Scottish Journal of Theology*, v. 4, n. 1, 1951, p. 79-86; MERKLINGER, H. *The Concept of Pleroma in its Contribution to Pauline Christology*. MASTER OF SACRED THEOLOGY THESIS, 1964; VERGEL, O. P. *Christ, the Fullness of Time. The Rhetorical Function of Gal 4:3-5 and the Significance of Pleroma in the Letter to the Galatians*. Diss. Master, <https://archium.ateneo.edu/theses-dissertations/563/>

12 Um marco nesta discussão sobre a escatologia da Tradição Joanina, entre o Evangelho e o Apocalipse: VANNI, U. *Dalla venuta dell’ora ala venuta di Cristo. La Dimensione storico-Cristologica dell’escatologia nell’Apocalisse*. \_\_\_\_\_. *Apocalisse. Ermeneutica. Exegese*. Teologia. Bologna: EDB: 1992, p. 305-331.

com Sua ressurreição<sup>13</sup>. A concepção e o papel da 'σὰρξ' (carne)<sup>14</sup>, na lógica narrativa joanina, como a vemos no prólogo impedem-nos de descartar sua morte, como acidental para consecução da salvação trazida pela vida do verbo encarnado<sup>15</sup>.

Outro elemento que precisa ser assinalado é a relação entre as fontes sinóticas acerca da paixão e morte de Cristo e a tradição joanina<sup>16</sup>. João não descreve uma agonia no Getsamêni como a encontramos na tradição sinótica da cena da agonia. Contudo, existem alguns elementos que emergem através de João que são paralelos na seção do cap. 12:

a) Nos sinóticos, somente na cena da agonia a expressão *hora* se torna termo técnico para a paixão e morte de Jesus (Mc 14, 35; Mt 26, 45; o que ocorre uma única vez em Jo 7,6: λέγει οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς Ὁ καιρὸς ὃ ἐμὸς οὕτω πάρεστιν, ὃ δὲ καιρὸς ὃ ὑμέτερος πάντοτε ἐστὶν ἔτοιμος). Um imprevisto paralelo ocorre entre Mc 14, 41 e Jo 12,23

Mc 14, 31: καὶ ἔρχεται τὸ τρίτον καὶ λέγει αὐτοῖς Καθεύδετε τὸ λοιπὸν καὶ ἀναπαύεσθε ἀπέχει ἡλθεν ἡ ὥρα, ἰδοὺ παραδίδοται ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου εἰς τὰς χεῖρας τῶν ἁμαρτωλῶν

Jo 12, 23: ὃ δὲ Ἰησοῦς ἀποκρίνεται αὐτοῖς λέγων Ἐλήλυθεν ἡ ὥρα ἵνα δοξασθῇ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου

- 13 Este é um conceito estratégico na Cristologia Joanina do Evangelho: BAILY, A. ἡ ὥρα. \_\_\_\_\_. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1963, p. 2184-2185; LOHSE, E. ἡ ὥρα. In: KITTEL, **Theological Dictionary**, p. 675-684; SCHNACKENBRUG, R. *El pensamiento escatológico en el Evangelio de Juan*. \_\_\_\_\_. **El Evangelio**, v. 2, p. 523-537; NICOLACI, M. *L'“ora” e i “segni” nella storia del Figlio dell' uomo secondo Giovanni*, in **Ricerche Storico Bibliche** 1-2, 2016, p. 255-466; FERRARO, G. *L'«ora» di Cristo nel quarto vangelo*, Roma: Herder, 1974;
- 14 SCHWEIZER, BAUMGÄRTNER, MEYER, σὰρξ. In: KITTEL, **Theological Dictionary**, p. 98-150; BAILY, A. σὰρξ. In: \_\_\_\_\_. **Dictionnaire Grec-Français**. p. 1734.
- 15 LEE, H. J. “Signore, vogliamo vedere Gesù”: **La conclusione dell'attività pubblica di Gesù secondo Giovanni 12, 20-36**. Roma, 2006.
- 16 Esta questão é intrincada. A exegese joanina dedica um longo capítulo à compreensão e discussão do 'proprium' da Tradição Joanina. De um lado, a maioria dos Exegetas, como Schnackenburg, defende uma relativa 'autonomia' dos relatos 'históricos' em João em relação aqueles dos Sinóticos. Permanece um universo em constante discussão. SABBE, *The Trial of Jesus before Pilate*, p. 341-386; BROWN, **The Gospel**, XLII-XLIII; HAENCHEN, **John 2**, p. 92-99; MATEOS&BARRETO, **II Vangelo**, p. 514-533; LIGHTFOOT, **St. John's Gospel**, p. 26-41; HOLTZMANN, H. J. **Evangelium des Johannes**. Tübingen: J.C.B.Mohr (Paul Siebeck), 1908, p. 1-10; LAGRANGE, M.-J. *Évangile selon Saint Jean*. Paris: Gabalda, 1948, p.319-347; LINDARS, B. *John and Synoptic Gospels: A test Case (1981)*. In: \_\_\_\_\_. **Essays on John**, Louvain: Brill, 1992, p. 105-112; WILLES, M. F. *The Fourth Gospel and the Synoptic Gospels*. In: \_\_\_\_\_. **The Spiritual Gospel**. Cambridge, 1960, 13-21; BARTHOLOMÄ, Ph. F. *The Johannine Discours and the Teaching of Jesus in the Synoptics. A Comparative Approach to the Authenticity of Jesus' Word in the Fourth Gospel*. **Tyndale Bulletin**, 62, 1, 2011, p. 155-159; YOUNG, F. M. *John and the Synoptics: An Historical Problem or a Theological Opportunity?* **Journal: Louvain Studies** v. 33, n. 3-4, 2008, p. 208-220; ANDERSON, P. N. *Interfluent, Formative, and Dialectical – A Theory of John's Relation to the Synoptics*, **College of Christian Studies**. Paper 102, 2002; KLOPPENBORG, J. S. **Synoptic Problems: Collected Essays**. Tübingen: Siebeck, 2014; BORG, P. *John and the Synoptics*. In: \_\_\_\_\_. **The Gospel of John: More Light from Philo, Paul and Archaeology**. Novum Testamentum, Supplements, v. 154, 2017, p. 121-146;

b) Jo 12, 27 se encontra em Mc 14, 34:

Mc 14, 34: καὶ λέγει αὐτοῖς Περίλυπός ἐστιν ἡ ψυχὴ μου ἕως θανάτου μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε

Jo 12, 27: Νῦν ἡ ψυχὴ μου τετάρακται, καὶ τί εἶπω; πάτερ, σῶσόν με ἐκ τῆς ὥρας ταύτης. ἀλλὰ διὰ τοῦτο ἦλθον εἰς τὴν ὥραν ταύτην

c) Existe uma furtiva e tênue comparação possível entre a voz do céu que o povo pensa ser um anjo (12, 29: ὁ οὖν ὄχλος ὁ ἐστὼς καὶ ἀκούσας ἔλεγεν βροντὴν γεγονέναι ἄλλοι ἔλεγον Ἄγγελος αὐτῷ λελάληκεν) e o anjo no jardim mencionado em algum manuscrito de Lc 22, 43: ὧφθη δὲ αὐτῷ ἄγγελος ἀπ' οὐρανοῦ ἐνισχύων αὐτόν'

Brown incita a avançar hipótese comparatista com muita prudência, sem *esticar demais a corda*. Na verdade, para ele o material da *agonia* de Jesus, não descrita no Evangelho de João, e dada a ausência de testemunhas nos Sinóticos (Pedro, Tiago e João, que, afastados, dormiam enquanto Jesus rezava e suava sangue à parte), pode ser a descrição mais próxima da situação original do que aquela organizada pelos sinóticos. Além disso, no plano geral da antropologia do verbo encarnado<sup>17</sup>. O narrador não expõe Jesus a muitas expressões emocionais e de cunho sentimental (destaca-se porém, Jo 10, 35: ἐδάκρυσεν ὁ Ἰησοῦς)<sup>18</sup>, como o lemos, por exemplo, em Mc. Se a paixão e a morte estão incluídas no âmbito da glorificação escatológica do Messias, João parece tratar tudo com um certo decoro ou pudor régio.

Segundo Schnackenburg (1980), como em Jo 7,30 e 8,20 se concebe a hora da morte, descobrindo, assim, o sentido que tem a *Exaltação do Filho do Homem* (3, 14; 8,28). Jesus se designa ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου<sup>19</sup>, porque Ele sobe ao mundo celeste (6,62), obtendo assim sua glorificação. Essa glorificação é concebida aqui como a

17 Uma questão cada vez mais estudada entre os estudiosos do Evangelho de João: TRUMBOWER, J. A. *Born from Above: The Anthropology of the Gospel of John*. Tübingen: J. C. B Mohr, 1992. Estes estudos se desenvolvem com muita energia no âmbito da tradição joanina do Apocalipse: VANNI, U. *L'Uomo dell'Apocalisse*. Roma: AdP, 2008; \_\_\_\_\_. *Il Cosmo nell'Apocalisse*. DE GENNARO, G. *Cosmo nella Bibbia*. Napoli: Dehoniane, 1982, p. 469-528; mais atual PEDROLI, L. *Dal Fidanamento alla Nuzialità Escatologica. La dimensione antropologica del rapporto tra Cristo e la Chiesa nell'Apocalisse*. Assisi: Cittadella, 2007.

18 'E Jesus chorou'. INFANTE, J. S. *Jesus shed tears in frustration: The contribution of dakryō and klaiō to the interpretation of John 11:35*. *Pacifica Australasian Theological Studies*. v. 27, n. 3, 2014, p. 239-252; DAVID, L. *The Empathy of God: A Biblical and Theological Study of the Christological Implications of John 11:35*. MacMaster University, 2001.

19 Uma temática fascinante seja no âmbito do Evangelho, como do Apocalipse: MOLONEY, F. J. *The Cross and the Glorification of the Son of Man (Jo 12, 23.34)* In: \_\_\_\_\_. *The Johannine Son of Man*. Roma: Las, 1978, p. 160-185; ANDREJEVS, O. *The Background of the Term 'Son of Man' in Light of Recent Research*. *The Expository Times*, v. 130, n. 11, 2019, p. 477-484; sobre a presença de Daniel no livro do Apocalipse a Tese recentíssima de STEFANELLI, O. *"Il Trafitto" che viene com le nubi in Ap 1,7*. Bologna: EDB, 2017.

plenitude do poder soteriológico para atrair todos a si mesmo (12, 32: κἀγὼ ἂν ὑψωθῶ ἐκ τῆς γῆς, πάντας ἐλκύσω πρὸς ἑμαυτὸν)<sup>20</sup>.

Mateos e Barreto insistem que a manifestação da glória indica a existência do novo templo, que será o lugar da reunião de todos, onde resplandecerão o amor e a vida. A multidão, judeus e pagãos, que foi à peregrinação ao Templo de Jerusalém, se dá conta que a glória de Deus reside na manifestação final do *Filho do Homem* (Jo 9, 38)<sup>21</sup>.

## 6.2 Jo 12, 24: a metáfora do grão de trigo

ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἂν μὴ ὁ κόκκος τοῦ σίτου πεσῶν εἰς τὴν γῆν ἀποθάνῃ, αὐτὸς μόνος μένει ἂν δὲ ἀποθάνῃ, πολὺν καρπὸν φέρει:

Através de uma pequena comparação, com uma autêntica metáfora joanina<sup>22</sup>, Jesus exemplifica a fecundidade de sua morte que conduz à glorificação. A questão central da metáfora joanina (PAZDAN, 1991; STOVELL, 2012) é demonstrar que a morte de Jesus é necessária para alcançar uma abundante colheita missionária. São elementos intrínsecos um ao outro: a necessidade da morte é colocada em relevo com as orações condicionais (ἂν μὴ... ἂν δὲ) e ressoa no 'δεῖ'<sup>23</sup> do v. 34, em que se clarifica o verdadeiro sentido de sua morte, ressaltado na antítese *permanecer só* (μόνος μένει) e dar muito fruto (πολὺν καρπὸν φέρει).

Segundo Schnackenburg (1980), a comparação está situada no ciclo da profecia da paixão de Jesus, que os sinóticos concentraram nos anúncios da paixão dispostos em forma kerigmática Mc 8, 31 (Καὶ

20 O interessante livro de: DENNIS, J. *The "lifting up of the Son of Man" and the dethroning of the "ruler of this world": Jesus' death as the defeat of the devil in John 12,31-32*. Leuven: Peeters, 2007.

21 BEUTLER, J. *Die Ehre Gottes und die Ehre des Menschen in Johannesevangelium*. \_\_\_\_\_. BEUTLER, J. *Neue Studien zu den johanneischen Schriften*, p. 115-124. A tradição do Apocalipse é a realização futura desta teologia do Novo Templo, da Nova Jerusalém ao alcance de todos os redimidos: VANNI, U. *Gerusalemme nell'Apocalisse*. In: \_\_\_\_\_. *Apocalisse*, p. 369-390; \_\_\_\_\_. *Il trionfo di Gerusalemme, Città Sposa (21,-22, 5)*. *Apocalisse di Giovanni*. 2 v. Assisi: Cittadella, 2018, p. 663-691; MOLINA, F. C. *La Nuova Gerusalemme, Città aperta*. In: BOSETTI, E. e COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell'Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, p. 621-648; SEMBRANO L. *Gersulamme: Città-Sposa e Sposa-Città. L'inesauribile Forza do um Simbolo di Eternità*. In: CASALEGNO, A. (org.). *Tempo e Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Milano: San Paolo, 2002, p. 129-140; SANTOS, P. P. A. *'A (Nova) Jerusalém Celeste' (Ap 21,9-22,5): Sobre a Cidade Escatológica. Uma Topografia da Salvação na tradição joanina do Livro do Apocalipse. Atualidade Teológica (PUCRJ)*, v. 53, 2016, p. 357-386.

22 TOVEY, D. *Narrative Strategies in the Prologue and the Metaphor of ὁ λόγος in John's Gospel. Pacifica. Australasian Theological Studies*, v.15, n. 2, 2002, p. 138-153.

23 GRUNDAMANN, G. δεῖ. KITTEL, *The Theological Dictionary*, 21-25. NOLLI, G. δεῖ. In: \_\_\_\_\_. *Evangelo Secondo Giovanni*. Vaticano, 1986, p. 483.

ἤρξατο διδάσκειν αὐτοὺς ὅτι δεῖ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου πολλὰ παθεῖν καὶ ἀποδοκιμασθῆναι ὑπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ τῶν ἀρχιερέων καὶ τῶν γραμματέων καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι). Mas a comparação do grão, para o estudioso alemão, não pode ser uma variante da sentença sinótica de Jesus sobre Sua própria morte<sup>24</sup>.

### 6.3 Jo 12, 25-26: participação na missão de Cristo

ὁ φιλῶν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἀπολλύει αὐτήν, καὶ ὁ μισῶν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἐν τῷ κόσμῳ τούτῳ εἰς ζωὴν αἰώνιον φυλάξει αὐτήν. ἐὰν ἐμοὶ τις διακονῇ ἢ ἐμοὶ ἀκολουθεῖτω, καὶ ὅπου εἰμὶ ἐγὼ ἐκεῖ καὶ ὁ διάκονος ὁ ἐμὸς ἔσται ἐὰν τις ἐμοὶ διακονῇ τιμήσει αὐτὸν ὁ πατήρ

Estes dois versículos exprõem a visão missiológica da eclesiologia joanina<sup>25</sup>. A identidade dos discípulos tem um perfil e desempenho de serviço (ὁ διάκονος); ser cristão é servir a Cristo, estar à sua disposição, junto dele, seguir-Lo (ἐμοὶ ἀκολουθεῖτω)<sup>26</sup>.

*Se alguém me quer servir, siga-me; e, onde eu estiver, estará ali também o meu servo.* Como na tradição sinótica, trata-se de uma condição (ἐὰν)<sup>27</sup>; é o traço mais profundo da identidade e da missão do discípulo, seguir Jesus – o seguimento é a marca do serviço.

Segundo Brown, muitos exegetas sugeriram que estes versos seriam uma variante joanina dos ditos sinóticos. No entanto, é demonstrável que as variações entre o milieu sinótico e aquele joanino se refletem nas variações entre eles. Existem cinco ditos reportados nos Evangelhos sinóticos sobre esse tema: a) Mc 8,35//Lc 9,24; b) Mt 10, 39, 16, 25; c) Lc 17, 33. Estas tradições podem ser perfiladas em ao menos dois conceitos básicos: 1) destruir a vida; 2) preservar a Vida.

24 O'DAY, G. R. *John 12:20–33. Interpretation: A Journal of Bible and Theology*, v. 69, n. 2, 2015, p. 212-214; ENSOR, P. W. *The Authenticity of John 12.24. Evangelical Quarterly: An International Review of Bible and Theology*, v. 74, n. 2, 2002, p. 99-107.

25 SCHOLTISSEK, K. *Kinder und Freund Jesu. Beobachtungen zur johanneischen Ekklesiologie*. KAMPLING, R. e SÖDING, T. *Ekklesiologie des Neuen Testaments*. Freiburg: Herder, 1996, p. 184-211; ROLOFF, J. *Die Gemeinschaft der Freunde Jesu: Die johanneischen Schriften*. **Die Kirche im Neuen Testament**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993, p. 290-309; SANTOS, P. P. A. *O Espírito e a Igreja: As perspectivas do Novo Testamento, em particular dos Escritos Joaninos. Atualidade Teológica (PUCRJ)*, v. 1, 2002, p. 73-93.

26 BREED, G. *The meaning of the diakon word group in John 12:26 applied to the ministry in congregations. Verbum et Ecclesia*. V. 35, n. 1, 2014, p. 1-8;

27 NOLLI, ἐὼν, *Evangelho*, p. 477: 'Conjunção subordinativa hipotética, que não indica dúvida, mas expectativa de algo futuro, realização de um evento enquanto esperado e desejado, condição provável que se refere ao futuro, na prótese ἐὼν o verbo é conjuntivo, na apódose, com um verbo no futuro'. ABBOTT-SMITH, ἐὼν. *Manual Greek Lexicon New Testament*. T&T Clark, 1986, p. 125-126; BAILLY, A. ἐὼν *Dictionnaire*, p. 562.

Apesar das similitudes, o texto de João consiste em um paralelismo antitético<sup>28</sup>. Estas frases representam o familiar contraste joanino entre a vida neste mundo e a vida eterna (Jo 1, 6). Por isso, deve-se sublinhar que 12, 25 é uma variante independente de um dito atribuído a Jesus, uma variante comparável em qualquer caso com as variantes apresentadas na tradição sinótica.

Brown afirma que os ditos dos v. 24-26 representam uma inserção entre o v. 23 e 27-28, como um esplêndido comentário sobre o significado que a 'hora da morte de Jesus' tem para todos os seres humanos. Santo Inácio de Antioquia exprimiu em seu martírio a plena recepção desta mensagem de Jesus; ao afirmar: '*Eu sou trigo de Deus*'<sup>29</sup>, expressão da recepção do conteúdo missionário da 'hora de Jesus' na Igreja.

#### 6.4 Jo 12, 27-28: A hora de Jesus é a hora da glória

Νῦν ἡ ψυχὴ μου τετάρακται, καὶ τί εἶπω; πᾶτερ, σῶσόν με ἐκ τῆς ὥρας ταύτης. ἀλλὰ διὰ τοῦτο ἦλθον εἰς τὴν ὥραν ταύτην. πᾶτερ, δόξασόν σου τὸ ὄνομα. ἦλθεν οὖν φωνὴ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ Καὶ ἐδόξασα καὶ πάλιν δοξάσω<sup>30</sup>

Nestes versículos, volta-se a assinalar aos discípulos a 'ώρα' de Jesus. A cena inicia-se (v. 27) com forte paralelo com a agonia no horto. O estado de angústia (τετάρακται)<sup>31</sup> de Jesus descreve uma tentação, como a lemos nos sinóticos: gritar a seu Pai que o salve desta hora (σῶσόν με ἐκ τῆς ὥρας ταύτης), mas como na cena das tentações (Lc 4, 1-13; Mc 1, 12-13; Mt 4, 1-11) Jesus triunfa sobre elas ao submeter-se inteiramente à vontade do Pai (ἀλλὰ διὰ τοῦτο ἦλθον εἰς τὴν ὥραν ταύτην). Nestes dois versículos, que têm conexões com 29-30, encontramos uma cena bem paralela à agonia no jardim, onde vemos a verdadeira humanidade de Jesus. O testamento de Jesus reúne sua obra<sup>32</sup> e somente em sua verdadeira humanidade. Ele pode realizar aquilo que significa o eu

28 DER WATT, J. V. *Johannine style: some initial remarks on the functional use of repetition in the Gospel according to John*. *Die Skriflig* 42/ 1, 2008, p. 75-99.

29 SCHOEDEL, W. R. *Ignatius of Antioch*. Philadelphia: Fortress, 1985.

30 *Agora, a minha alma está perturbada. Mas que direi? Pai, salva-me desta hora. Mas é exatamente para isso que vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome! Nisso veio do céu uma voz: "Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo"*.

31 NOLLI, G. *Evangelio*, p. 478: τετάρακται: *perfeito, indicativo 3 p. singular de ταρασσω, agitar-se*. O modo perfeito serve para enfatizar um sentimento já presente na alma e que cresce paulatinamente. Uma obra importante sobre o estudo dos aspectos semânticos dos tempos verbais: FANNING, B. M. *Verbal Aspect in New Testament Greek*. Oxford: Clarendon, 1990; MOULTON, J. H. e HOWARD, W. F. *Verbs*. \_\_\_\_\_ . *A Grammar of New Testament Greek*. Edinburg: T&T Clark. Vol. 2, 1990, 162-267.

32 BROWN, R. Appendix III: Signs and Works. In: \_\_\_\_\_. *The Gospel*, p. 525-532

sou. A submissão de Jesus ao plano de Deus concorre para que o Seu “nome” seja glorificado em Jesus.

No v. 28 ocorre a única vez em João que se escuta a voz do Pai, vinda do Céu. Aqui, de novo, a tradição joanina reelabora as narrações sinóticas da transfiguração, em Mc 9, 2-8, que segue o primeiro anúncio da sua paixão (Mc 8,31) e é entendido como antecipação da Sua gloriosa ressurreição (Lc 9, 32). Também em João, depois da tensão sobre a morte nos vv. 24-25, a voz do Pai vinda do Céu promete que o divino nome será glorificado de novo (πάλι), através da ‘elevação’ de Jesus.

Na sequência do v. 28, o verbo ‘δοκέω’, glorificar, aparece em três formas verbais, uma na prece do Jesus dirigida ao Pai, δόξασον. Trata-se de um imperativo, ativo, aoristo, ordenação em vista de iniciar uma nova ação, na resposta do Pai ao Filho. Duas formas do mesmo verbo: primeiro surge ‘ἐδόξασα’, um aoristo, ativo indicativo, que pode abraçar um tempo muito estendido, de maneira que este período de tempo seja considerado como um todo, como um único bloco; depois, δοξάσω, futuro, indicativo, ativo, o futuro é a única forma verbal que provem do gênero da ação e indica tempo, assim é usado para exprimir a vontade e a possibilidade: muitas vezes denota segurança e confiança na realização da ação indicada.

‘ἐδόξασα’ – Este verbo está no aoristo, como se a ação fosse completa. Alguns pensam que Jesus se referia à sua passada glorificação da parte de Deus, no Seu ministério; mas é difícil pensar que a glorificação do Pai fosse já plena antes da hora da morte, ressurreição e ascensão. Existem somente três exemplos do uso ativo do verbo ‘δοκέω’ em João e todos estão conectados com doxa do Pai (4,34; 5,36: ἐγὼ δὲ ἔχω τὴν μαρτυρίαν μείζω τοῦ Ἰωάννου τὰ γὰρ ἔργα ἃ δέδωκέν μοι ὁ Πατήρ ἵνα τελειώσω αὐτά, αὐτὰ τὰ ἔργα ἃ ποιῶ, μαρτυρεῖ περὶ ἐμοῦ ὅτι ὁ Πατήρ με ἀπέσταλκεν). Nestes textos já prevalece a ação de cumprir a vontade do Pai, como uma obra realizada na existência (inteira) de Jesus. Mas a realização, em sentido próprio, vem somente no inteiro complexo da hora entre os cap.13-20. ‘τελειώσω’ αὐτά’, o fim (consumação); é mencionado em 13,1 e o passivo do verbo, quando Jesus morre na Cruz (19,28: Μετὰ τοῦτο εἰδὼς ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἤδη πάντα τετέλεσται ἵνα τελειωθῆ ἡ γραφή λέγει Διψῶ).

Como entender as relações entre passado e futuro na glorificação do Filho? A exegese tem apresentado ao menos três soluções:

Uma referência à preexistência<sup>33</sup> e à pós-ressurreição parece inevitável. Apesar de lermos em Jo 17, 5 (καὶ νῦν δόξασόν με σύ, πάτερ, παρὰ σεαυτῶ τῇ δόξῃ ἣ εἶχον πρὸ τοῦ τὸν κόσμον εἶναι παρὰ σοί) sobre a Sua glória antes que mundo existisse, é dificilmente provável uma glorificação do divino nome. Tal glorificação envolve uma revelação deste nome para os homens.

a) O verbo aoristo (ἐδόξασα), se complexo<sup>34</sup>, pode ser uma referência a todas as glorificações passadas do nome divino através dos sinais que Jesus realizou durante Seu ministério. O tempo futuro (δοξάσω) pode ser uma referência para toda a glorificação que virá a partir de Sua morte, ressurreição e ascensão. Esta sugestão encontra suporte em passagens como 2,11 (αὐτὴν ἐποίησεν ἀρχὴν τῶν σημείων ὁ Ἰησοῦς ἐν Κανὰ τῆς Γαλιλαίας καὶ ἐφάνερωσεν τὴν δόξαν αὐτοῦ, καὶ ἐπίστευσαν εἰς αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ) e 11,4 (ἀκούσας δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν Αὕτη ἡ ἀσθένεια οὐκ ἔστιν πρὸς θάνατον ἀλλ' ὑπὲρ τῆς δόξης τοῦ θεοῦ ἵνα δοξασθῇ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ δι' αὐτῆς) que mencionam a glorificação em relação com os sinais

b) Segundo Thüssing (1970, p. 193-198), existe uma outra sugestão plausível. O tempo aoristo refere-se a todo o conjunto do ministério de Jesus, incluindo sua 'hora'. Diante da hora que se aproxima, Jesus reza ao Pai que complete a glorificação de seu Nome através de seu Filho. O tempo passado usado pela voz celeste (φωνὴ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ) significa que Deus escutou a prece de seu Filho e a realizou e, assim, a glorificação da hora começou. Mas essa glorificação é completa na Cruz, quando Jesus afirmar em 19,30 (ὅτε οὖν ἔλαβεν τὸ ὄξος ὁ Ἰησοῦς εἶπεν Τετέλεσται, καὶ κλίνας τὴν κεφαλὴν παρέδωκεν τὸ πνεῦμα), *tudo está consumado*.

A futura glorificação do divino nome será consumada pelo Cristo Exaltado, que, no v. 32 (κάγώ ἐὰν ὑψωθῶ ἐκ τῆς γῆς, πάντας ἑλκύσω πρὸς ἑμαυτόν.), nos assegura que ao ser elevado atrairá para Si todo homem.

33 SCHNACKENBURG, R. *La idea de preexistencia*. In: \_\_\_\_\_. **El Evangelio**, p. 328-356; WROBEL, R. "Conceto della preesistenza di cristo in Paolo e in Giovanni." **Miscellanea francescana** 105/3-4, 2005, p. 631-641;

34 Já citamos a obra de FUNNING, B. M. *Uses of the Aorist Indicative*. In: \_\_\_\_\_. **The Verbal Aspect**, p. 255-290.

## Considerações finais

Entendemos a hora de Jesus, anunciada no fim do cap. 12, como uma espécie de fronteira entre as duas grandes partes dentro do Evangelho, não radicalmente opostas, mas dialeticamente relacionadas, e, sobretudo, qualitativamente diversas. Segundo Vanhoye<sup>35</sup>, depois do Livro dos Sinais, que indicava a função reveladora da existência histórica de Jesus. O Livro da Glória quer nos dizer que é necessário radicalizar a presença de Jesus, sinal da verdadeira glória, no âmago da história; isto é, inserir a história na transcendência, sem destruir a historicidade.

Na perspectiva de Songe (1992), uma relação íntima entre o Filho e o Pai, caracterizada pelo amor e pela glória compartilhada é essencial (1,14); desde antes da fundação do mundo e a glorificação do Filho, Seu retorno à presença do Pai. É fundamental dizer ainda que esta glória, essencial à relação entre este Filho único e Seu Pai, tornou-se visível durante a missão sobre na terra (1,14), pois foi Ele quem deu a conhecer o Pai, e, embora Ele próprio seja chamado, continua dependente do Pai.

A cristologia da glória, como cristologia da missão, torna-se o fundamento compreensivo de uma teologia joanina da glória. Isto é, Jesus, o Filho de Deus, é a palavra que veio ao mundo para salvar. Como revelador escatológico do âmago do Deus uno e trino, deste nós eterno que amou-nos por primeiro.

A Cruz para a teologia do Quarto Evangelho pode ser já como o templo em Ezequiel (Ez 47) nascedouro da Igreja, testemunha fiel, por causa do amor até o fim. O amor, isto é, o conteúdo último da identidade do Pai, do Filho e do Espírito, daquela hora em diante, resume tudo o que desde sempre Deus, na Sua eterna intimidade e, agora, na realidade sacrificial do Seu Filho, quis comunicar como Salvação.

## Referências

AGOSTINO, Comento al Vangelo e alla prima epsitola di San Giovanni. XXIV/1. Roma: Città Nuova, 1968.

ASHTON, J. *Understanding the John Gospel*. Orford: Clarendon, 1993.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: 64. ed. Hachette, 1964.

35 VANHOYE, A. *L'Oeuvre du Christ, Don du Père (Jo V,36 et XVII,4)*. RSR, 48(1960), p. 377-419, sobre "Teleioun", especialmente, 377-387.

**BOAVENTURA, Comento al vangelo di Giovanni/2. VIII/2.** Roma: Città Nuova, 1991.

**BEUTLER, J. Neue Studien zu den johanneischen Schriften.** Bonn, 2012.

**BRATCHER, R.G.** "Glory" in relation to Jesus. **BibTrans.** 42, 1991, p. 401-408.

**BRENDSEL, D. J. 'Isaiah Saw His Glory' : The Use of Isaiah 52–53 in John 12.** Berlin: De Gruyter, 2014.

**BROWN, R. E. The Gospel according to Joh I-XII.** v. 29 A. New York: Anchor Bible, 1966.

\_\_\_\_\_. **The Death of the Messiah: from Gethsemane to the grave : a commentary on the Passion narratives in the four Gospels.** London: 2 v. Anchor Bible, 1993.

**CAIRD, G. B. The Glory of God in the Fourth Gospel: An Exercise in Biblical Semantics.** **New Testament Studies,** v. 15, n. 3, 1969 , p. 265 – 277.

**DENAUX, A. (ed.). John and The Synoptics.** Leuven: Brill, 1992.

**FROULA, J. The Glory of Jesus as the Gift of Grace in the Gospel of John. The Downside Review,** v. 129, 2011, p. 1-13.

**FRY, E. Translating "Glory" in the New Testament. The Bible Translator,** v. 27, n. 4, 1976, p. 422-427.

**FREY, J. The glory of the crucified one : christology and theology in the Gospel of John.** Tübingen: Mohr Siebeck, 2018.

**GUPTA, N. K. Gloria in Profundis: Comparing the Glory of Moses in Sirach to Jesus in the Fourth Gospel In: Horizons in Biblical Theology.** Leiden: Brill, 2014.

**HAENCHEN, E. John 2.** Philadelphia: Fortress, 1984.

**HANSON, A. T. The Prophetic Gospel.** London: T&T Clark, 1991.

**HATINA, T. R. Biblical interpretation in early Christian Gospels.** v. 4, *The Gospel of John.* London: T & T Clark, 2020.

**HEIL, J. P. Blood and water. The death and resurrection of Jesus in John 18 – 21.** *CBQ monograph series,* 1995.

**HURST, L. D. and WRIGHT, N. T. The Glory of Christ in the New Testament. Studies in Christology in Memory of George Bradford Caird.** Oxford University Press, 1987.

**KITTEL G. dokéo/dóxa.** \_\_\_\_\_(ed.). **Theological Dictionary of The New Testament.** v. II. Michigan: Eerdmans, 1991, p. 232-254.

KOESTER, G. R. **Portraits of Jesus in the Gospel of John a Christological spectrum.** *New York: Bloomsbury, 2018.*

LAURENTIN, A. **DOXA. Problèmes de Christologie.** *Paris: Blond et Gay, 1972.*

MARCHADOUR, A (ed.). **Origine et Postérité de L'Évangile de Jean.** *Paris: Du Cerf, 1990.*

MATEOS, J. e BARRETO, J. **Il Vangelo di Giovanni.** *Assisi: Cittadella, 1982.*

MLAKUZHYIL, G. **Christocentric literary-dramatic structure of John's Gospel.** *Roma, 2011.*

MOODY-SMITH, D. **The Theology of the Gospel of John.** *Cambridge, 1995.*

MOLONEY, F. J. **The Johannine Son of Man.** *Roma: Las, 1978.*

NEIRRYNCK, F. **Jean et Les Synoptiques. Examen critique de l'Exégèse de M.-É. Boismard.** *Leuven: Brill, 1979.*

NOLI GIANFRANCO, N. **Evangelio secondo Giovanni.** *Vaticano, 1986.*

PAZDAN, M. M. **The Son of man: a metaphor for Jesus in the Fourth Gospel.** *Collegeville: Liturgical Press, 1991.*

PAGANI, I. **“Si compia la Scrittura”. I rimandi al compimento della Scrittura pronunciati da Gesù in Gv 13-17.** *Roma: 2021.*

PAINTER, J. **The Quest for the Messiah. The History, Literature and Theology of the Joannine Community.** *London: T&T Clark, 1993.*

PAMMENT, M. *The meaning of Doxa in the Fourth Gospel.* **ZNW** 74, 1983, p. 12-16.

PANIMOLLE, S. **L'Evangelista Giovanni.** *Roma: Borla, 1985.*

PORTER, S. E. and PITTS, A. W. **Johannine Christology.** *Leiden: Brill, 2020.*

\_\_\_\_\_. **The Gospel of John : Text and Context.** *Leiden: Brill, 2005.*

SANTOS, P. P. A. *Jo 15,26: Cristo envia-nos do Pai o Espírito da Verdade: Dimensão Trinitária no Evangelho de João.* **Communio**, Rio de Janeiro, v. XV, n.82, , 2000, p. 89-101.

SCHLERITT, F. **Der vorjohanneische Passionsbericht: Eine historisch-kritische und theologische Untersuchung zu Joh 2,13-22; 11,47-14,31 und 18,1-20,29.** *Berlin//Boston : De Gruyter, 2012.*

SCHNACKENBURG, R. **El Evangelio según San Juan (5-12).** v. 2. *Barcelona: Herder, 1980*

- \_\_\_\_\_. **El Evangelio según San Juan (13-21)**. v. 3. *Barcelona: Herder, 1980.*
- SENIOR, D. **The Passion of Jesus in the Gospel of John**. *Minnesota: The Liturgical Press, 1991.*
- SKINNER, C. W. **Characters and characterization in the gospel of John**. *London/New York: Bloomsbury, 2013.*
- DE SONGE, M. **Christology and Theology in the Fourth Gospel**. In: \_\_\_\_\_. **The Festschrift für F. Neirunck**. *Leuven, 1992, p. 1835-1853.*
- STOVELL, B. M. **Mapping Metaphorical Discourse in the Fourth Gospel: John's Eternal King (Linguistic Biblical Studies)**. *Leiden: Brill, 2012.*
- STRATHMANN, H. **Il Vangelo secondo Giovanni**. *Brescia: Paidea, 1973.*
- STREGE, A. **The Glory and Glorification of Jesus Christ in the Gospel of John**. *St. Louis: Concordia, 1963.*
- THÜSING, W. **La Prière Sacerdotale de Jesus**. *Paris: Du Cerf, 1970.*
- VERGOTE, A. **L'Exaltation du Christ en Croix selon le Quatrième Evangile**, *EphTheoBibLouv* 28, 1952, p. 5-23.
- WATT, J. G. **Family of the King: Dynamics of Metaphor in the Gospel According to John**. *Leiden: Brill, 2000.*
- WEINFELD, M. *kabôd*. Botterweck, G. J, RINGGREN, H e FABRY, H.-J. (ed.) **Theological Dictionary of the Old Testament**. v. VII. *Michigan: Eedermans, 1995, p. 22-38.*
- WELLUM, S. **Christ from Beginning to End: How the Full Story of Scripture Reveals the Full Glory of Christ**. *Grand Rapids: Zondervan, 2018.*
- WILLIAMS, C. H. and ROWLAND, C. (ed.) **John's gospel and intimations of apocalyptic**. *London: Bloomsbury, 2013.*

Artigo recebido em 03/04/2022 e aprovado para publicação em 19/05/2022

### Como citar:

SANTOS, Pedro Paulo Alves dos. Jo 12, 20-28 // Jo 18-19. A 'Glorificação do Filho do Homem' como estratégia literária e hermenêutica para a leitura jonânica dos relatos da Paixão? *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 93-114, jan./jun. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-5> Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)